lado de Alberto Magno, os primeiros anos de ensino em Paris, o mestre em ciências bíblicas, o defensor da vida religiosa mendicante na querela com os mestres seculares, o regresso à Itália e a escrita da suma *Contra Gentiles* (data, método e plano, conteúdo), a permanência em Orvieto, os anos de Roma e o início da escrita da *Summa Theologiae* (objetivo, conteúdo e plano) bem como outros escritos como o *De potentia* e a *Sententia libri De anima*, a segunda estadia em Paris e a série de escritos então produzidos (*De aeternitate mundi*, *De unitate intellectus*, uma série de *quaestiones disputatae*…), os comentários a Aristóteles e o perfil de Tomás como comentador do Estagirita, a última fase de ensino ou segunda estadia em Itália (Nápoles). Um capítulo próprio é dedicado aos últimos meses de Tomás de Aquino, com contributos sobre uma série de pessoas que com ele contactaram e mais ou menos acompanharam a sua vida e mais tarde foram relevantes no processo de canonização (com relevo para aquele que viria a ser o seu primeiro biógrafo, Guilherme de Tocco), sobre episódios resultantes da sua relação de sangue com os condes de Aquino. Particular interesse assumem os traços da sua personalidade: robustez física, alegria e doçura no rosto, delicadeza no trato, humildade e paciência, e, em relevo, a sua faceta de grande contemplativo. Torrell descreve ainda a sua última doença e a sua morte na abadia cisterciense de Fossanuova. O último capítulo documenta os difíceis anos que se seguiram à morte, inscrevendo-se aí a conhecida condenação de Tempier, bispo de Paris, em 1277, mas também a tensão entre dominicanos e franciscanos. Acresce um Epílogo sobre a canonização em Avignon.

A eliminação do aparato científico não retira a este estudo o seu valor científico. Escrito por um dos bons estudiosos e conhecedores da vida e da obra do grande mestre que foi Tomás de Aquino, este livro recomenda-se a quantos se dediquem ao seu estudo e ao ensino da sua vida e obra, no quadro, tão rico em grandes figuras e grandes produções, da filosofia e da teologia medievais, mormente no seu século de ouro, o século XIII.

Jorge Coutinho

Garrigues, Jean-Miguel (Introd., trad.. et notes), **Deux martyrs de l'Église indivise : saint Maxime le Confesseur et le pape saint Martin. Le récit de leurs procès et de leur mort par des témoins oculaires**, coll.« Sagesses chrétiennes », Les Éditions du Cerf (www.editions-ducerf.fr), Paris, 2011, 170 p., 195 x 125, ISBN 978-2-204-09396-5.

A vida, a personalidade e a obra de São Máximo Confessor foram trazidas à luz em primeira mão, no mundo europeu, por Hans Urs von Balthasar, no seu livro *A liturgia cósmica de Máximo o Confessor* (*Kosmische Liturgie. Das Weltbild Maximus' der Bekenner* : 1961) e, depois dele, por Jean-Miguel Garrigues em *Maxime le Confesseur; la charité, avenir divin de l'homme* (Beauchesne, Paris, 1976). Os dois estudos incidem diretamente sobre a vida e a obra do biografado. Em diferença, Christoph Schönborn centrou a sua atenção preferentemente na influência que o meio e as circunstâncias da vida exerceram na produção e na orientação da obra teológica de S. Máximo.

Foi esta nova perspectiva, seguida também por outros estudiosos, com alguns reparos ao livro de J.-M. Garrigues e a algumas aproximações nele feitas entre a vida e a obra do biografado, que o motivou a publicar este novo estudo, onde tem em conta, muito particularmente, essa íntima ligação entre obra e vida: de monge e de combatente pela ortodoxia

da fé no mistério de Cristo contra as heresias cristológicas a partir de 633, até ao martírio em 662.

O livro apresenta, antes de mais uma breve trajetória biográfica de Máximo Confessor, com as suas facetas de monge, de errante, de confessor e de mártir (pp. 13-18). Segue-se um estudo crítico sobre a vida deste homem que foi um dos mais brilhantes teólogos da patrística oriental. O autor já não procede aí a uma simples descrição das facetas da personalidade e das peripécias da vida, mas faz o estudo crítico do palestino e «origenista», dos começos da querela monoenergista, do confessor que foi da fé em Jesus Cristo e do mártir.

A maior parte das páginas (45-133) é ocupada com uma série de nove documentos, apresentados em tradução francesa, precedidos de uma breve introdução explicativa e com razoável aparato crítico. Num anexo (pp. 135-165) Garrigues procura aprofundar o sentido da primazia romana em São Máximo Confessor, uma primazia que ele descobriu desde que teve de lutar para manter a confissão de fé da Igreja.

São Martinho, Papa, cruza-se com a vida de São Máximo por ocasião do sínodo de Latrão em 649, para o qual aquele o convidou a fim de exercer as funções de confessor e ao qual ele fez questão de estar presente, contra a vontade do imperador e da hierarquia bizantina. Um e outro acabaram sendo perseguidos por estes. Reencontraram-se em Constantinopla onde foram julgados e martirizados.

Luís Salgado

Burguera Nadal, Maria Luísa, **Princesas, reinas y santas,** col. «Retratos de bolsillo», San Pablo (www.sanpablo.es), Madrid, 2012, 143 p., 110 x 175, ISBN 978-84-285-3996-8.

Foi sobretudo ao longo da Idade Média cristã que se multiplicaram os casos de grandes figuras de mulheres que foram, ao mesmo tempo, princesas ou rainhas e santas. Este pequeno livro, muito prático até pelo seu formato de livro de bolso, proporciona ao leitor resumos biográficos de uma série (não exaustiva) dessas «mulheres de valor» a que já se referia o livro dos Provérbios (31, 10). A cultura do nosso tempo, embora ainda mantenha admiração por mulheres santas, como, entre outros, são os casos de Madre Teresa de Calcutá ou de Santa Benedita da Cruz (Edith Stein), em regra tem estado privada de exemplos de rainhas ou de princesas modelares ao nível da santidade. Tanto as mulheres em geral como, em especial, as que se integram em famílias reais, cultivam mais a glória pessoal (sobretudo pela via do vedetismo) que a glória de Deus e o serviço do próximo.

Num contexto cultural assim, as grandes figuras de rainhas e de princesas santas, ainda que tenham vivido em tempos remotos, ganham relevo de modelos dignos de admiração e, por si mesmos, são luzes a colocar no candelabro da Igreja para iluminar os caminhos do mundo. Assim o entendeu Maria Luísa Burguera Nadal, doutora em Filologia Românica e professora na Universidade de Castellón.

Nas páginas em que resumiu as suas biografadas, perpassam muitas dessas grandes mulheres: Helena e Pulquéria, Clotilde rainha de França, Radegunga, Berta, Adela e Irmina, Matilde mãe de Otón I, Adelaide de Itália, Cunegunda do Luxemburgo, Elgiva e Gisela, Cacilda de Castela, Margarida da Escócia, Isabel da Hungria, Inês de Praga, Isabel de França, Isabel de Portugal, Joana de França e Edviges da Polónia.

Um excelente livro para ter na mesa de cabeceira e adormecer sobre a sua suave e edificante leitura.

Raul Amado